



## MEMÓRIAS DA PRIMEIRA DÉCADA

Empregados relembram episódios e curiosidades que marcaram o começo da história do Serpro



Série Especial de Reportagens

Revista Interna Nº 29 - Fev/Mar 2014

• **ELAS VÃO FUNDO NA DANÇA**

Confira a experiência de colegas que praticam flamenco, dança do ventre e dança cigana

• **UM POUCO DO SERPRO NA ILHA UPAON AÇU**

Conheça o Escritório de São Luís do Maranhão

• **CHAMADO PARA AJUDAR**

Serpriano de Brasília participa de grupo de apoio a populações de baixa renda

Seção de Transcrição e Conferência - Curitiba/PR, 1973

## ELES AMAVAM OS BEATLES, OS ROLLING STONES E ROBERTO CARLOS

*Em homenagem aos 50 anos de Serpro, a revista GPS traz uma série de reportagens de cada uma das décadas de vida da empresa. A primeira cobre os anos 60 e 70, o auge da programação de dados e a era dos festivais*

Que serpriano nunca ouviu um colega contar algum caso saboroso do Serpro de antigamente? Além de acumular o protagonismo em várias áreas da tecnologia de informação voltada a governos, o Serpro, que completa cinquenta anos em dezembro de 2014, também guarda um rico arcabouço de memórias de usos e costumes que estiveram em vigor e foram se transformando durante todo esse tempo. Para trazer à tona um recorte dessas lembranças, a revista GPS homenageia a trajetória da empresa com uma série de reportagens especiais que dará voz a várias pessoas que vivenciaram cada uma das eras da empresa, divididas por décadas a partir da sua criação. Para iniciar esse flash back, começamos pelo período que vai de 1964 a 1973, solicitando inicialmente um esforço de memória da analista Sônia Dário Soki, de Minas Gerais.

Ao voltar ao passado, Sônia logo se recorda das músicas que embalaram aqueles dias. Ela ouvia Beatles



Universitários revezavam-se em turnos de digitação e conferência em Porto Alegre

com paixão, mas também adorava Elvis Presley, Chico Buarque e Milton Nascimento. Já sua amiga era fã de Roberto e Erasmo Carlos. Mas ambas nunca perderam o programa televisivo Jovem Guarda, que só durou três anos a partir de 1965, mas deu um pouco do tom dos anos 1960 e 1970. Um período em que a TV Record era “a Globo da época”, ocupando um lugar de destaque.

Contemporâneo dela, trabalhando então na Regional Rio de Janeiro, José Wilson Pereira Pinto, conhecido como Peninha, guarda recordações semelhantes. “Ou você gostava dos Beatles ou gostava dos Rolling Stones; e se gostasse de um deles, esperava-se que não curtisse Roberto Carlos. Mas eu fugi um pouco à regra, gostava de Beatles, dos Stones, do Raul Seixas, dos Novos Baianos... e se pintasse um Erasmo Carlos eu



Trabalho realizado no Setor de Preparo e Conferência em Porto Alegre

também encarava. Até hoje sou assim, ouço todo tipo de som”, garante o analista hoje na Sunac, em Brasília.

### “Vaiei Vandrê”

Peninha recorda-se de ter assistido a um show da Jovem Guarda aos doze anos, em Natal, cidade onde nasceu. Ao chegar aos 18, já no Rio, onde entraria no Serpro, tornou-se frequentador assíduo dos festivais de música popular brasileira, que eram a febre da juventude da época. Por isso, teve o privilégio de participar de um momento histórico: a apresentação de Geraldo Vandré, no Maracanãzinho, na qual o engajado compo-

sitor quebrou o violão em resposta à vaia geral do público. “Eu estava lá, eu vaiei Vandrê”, brinca Peninha, enfatizando os vês da frase.

O apelido de José Wilson foi cunhado nesses primeiros tempos do Serpro. O motivo: dentro do cabelão liso até os ombros, sempre teve uma mecha natural de cabelos brancos no meio dos fios escuros, que se evidenciaram quando optou por um corte curto. “No início, até tentei resistir, mas ficou marcado: Pena branca, depois Pena, e finalmente Peninha, que hoje é apelido tão oficial que já consta até no meu crachá do Serpro”, conta o colega.

### Corte pigmaleão e jeans com tudo

Ao fazer um esforço para voltar aos anos 70, Sônia também se recorda de “usos e costumes” referentes a cabelos. No caso das mulheres, o que marcou época foi o chamado corte pigmaleão, todo repicado, usado por artistas então no auge como Farrah Fawcett e Tônia Carrero. Também se lembra da trabalhadeira de submeter os cabelos ao alisamento da época. Se ainda não havia chapinha, o jeito era alisar os fios “fazendo uma touca”, processo complexo que chegava a durar 1h30, entre preparativos e secagem. Para cabelos diferentes, roupas que a contracultura e os hippies também se propunham mudar: as calças jeans começavam a ser usadas e chegava a ser charmoso ter uma delas: “Hoje temos várias, de vários modelos, mas naquela época tínhamos uma, ou umas poucas. Era uma roupa especial”, recorda-se Sônia.

Calças justas e listradas para homens, além de botas de salto, também eram um item novo no vestuário, que o colega Peninha fazia questão de usar no início dos anos setenta. Mas tinha de ser escondido da mãe. “Deixava as roupas na casa de um amigo e trocava antes de ir para as festas”, lembra-se. E as festas eram muitas. “Como a idade média dos colegas do Serpro era de 18 a 22 anos, e não havia shopping, estávamos sempre indo a festas, e muitas vezes fazíamos esquemas incríveis para entrar de penetra”, diverte-se.

### Nada de pastel no corredor

Marinês Postigo Varela, que entrou no Serpro no fim da primeira década da empresa, em São Paulo, também se recorda das festas frequentes. Como casou-se aos 17 e entrou no Serpro aos 18, não costumava sair com os colegas, mas, ainda assim, “nas festas mais importantes” realizadas pela Associação de Funcionários, fazia questão de estar presente. Apesar do clima festivo, a



Peninha hoje e quando entrou no Serpro

descrição que lhe vem à mente ao recordar os velhos tempos, uma época onde a formalidade era maior.

“Um dia levamos uma bronca porque um superior passou no corredor e nos viu comendo pastel, que um colega havia trazido da feira. Esse superior não nos disse nada, mas um pouco mais tarde nosso chefe nos chamou a atenção. Hoje esse tipo de comportamento é bem mais tolerado. Mas não achávamos ruim aquela formalidade, porque era a tônica da época”, diz Marinês.

### Cérebro eletrônico

A colega iniciou sua carreira na unidade que o Serpro então mantinha em Osasco/SP. Sua impressão do pré-

dio arborizado, localizado à frente de um campo de golfe, no qual se lidava com a moderníssima área de processamento de dados, era a melhor possível. “Também havia a satisfação de vencer um processo de seleção que era concorrido”, recorda-se Marinês, que inicialmente trabalhou na área administrativa.

O colega Peninha, que atuava no Rio de Janeiro à mesma época, mas na área técnica, também se recorda de uma certa aura mística que era provocada pelo fato de alguém trabalhar com computadores, ou, como era corrente qualificar, com “cérebros eletrônicos”. “Era uma coisa muito nova. Quem entendia dessas coisas geralmente tinha formação de matemática, física, engenharia. E o Serpro oferecia toda a formação para trabalhar com a tecnologia que estava surgindo”.

### Móveis de analista, móveis de programador

Apesar da modernidade para a época, os processamentos de dados envolviam grandes quantidades de papel. “Tudo se transformava em uma listagem. Havia pilhas de papel para todo lado. E tudo era checado e rechechado”, diz Peninha. O colega, que hoje atua em Brasília, recorda-se que inicialmente a atividade de programador era bem distinta da exercida por analistas, e isso chegava a se refletir no mobiliário. “Havia a mesa do programador, menor, com duas gavetas, e a mesa de analista, maior, com quatro gavetas, duas de cada lado. A cadeira de analista tinha braços, a do programador, não. Lá por 1976, 1977, começou a surgir a figura do ‘proganalista’, que fazia tudo, e essas diferenças começaram a deixar de existir”, conta.

Da realidade de profissionais lidando com fluxogramas que ocupavam até cinco páginas de flipchart até a atualidade da computação em nuvem, quatro décadas se passaram. Tecnicamente, os avanços foram enor-

mes, e a Revista Tema, retrata, nas próximas edições, os avanços do Serpro neste período. Já aqui na GPS, continue a acompanhar pequenos instantâneos da memória de alguns colegas que estiveram presentes no dia a dia da empresa. ■

### 🔍 Você Sabia?

#### Quando o ser humano chegou à Lua

Golpe militar no Brasil, a contracultura forjando o movimento hippie, Guerra do Vietnã, os passos inaugurais da conquista do espaço: na primeira década do Serpro, fundado em 1964, não faltaram revoluções paradigmáticas.

Na esfera específica da administração pública brasileira, a demanda que a empresa veio sanar já se encontrava explícita em um documento do Ministério da Fazenda, datado de 1962 “(...) a tarefa mais urgente é a modernização da administração financeira e a tecnificação da máquina arrecadora em todas as suas dependências, ao longo e através do país”, cita Wilson Lobato no livro “Serpro: uma crônica de 18 anos”. A meta designada no documento histórico foi rapidamente cumprida. De 1966 a 1969, a arrecadação foi triplicada, diversos sistemas de processamento foram desenvolvidos para trazer excelência a outros setores da economia e, na atualidade, a empresa tem um papel importante no contexto da tecnologia da informação aplicada à esfera pública.

## DANÇAR PARA VIVER MELHOR

*Ritmo, sensualidade e autoconhecimento permeiam o universo de quem se identifica com as danças do ventre, cigana e flamenco*

Procure o significado de dança e encontrará o seguinte: conjunto de movimentos ritmados e sequenciais, praticados individualmente, ao modo empareirado ou em grupo, geralmente acompanhado por música, passível de transmitir informações, emoções, sensações, descrever ou criticar contextos. Mas muitas pessoas entendem que a dança é ainda mais que isso: é um caminho para autoconsciência e autoexpressão através do movimento. Para elas, o ato de dançar é como um ritual de sobrevivência e expressão dos valores culturais capaz de promover também a confiança entre os parceiros de dança. “A dança é a própria vida! Dançar é maravilhoso. Acalma, agita... Independente de qualquer ritmo”, afirma de forma entusiasmada Márcia Knoll, da Supop em Curitiba. “Desde os tempos que me envolvi com a dança, ela só me trouxe felicidade, confiança na vida e em mim mesma, tranquilidade para lidar com problemas, segurança para conduzir a carreira, criatividade, além de fazer um bem enorme para a alma”, completa.

A colega Ana Ceres, da Supgl em Belo Horizonte, também partilha do entusiasmo de Márcia. “Eu costumo dizer que danço desde que estava na barriga da minha mãe. Fiz jazz e sapateado na infância. Conhecia todas as coreografias do Balão Mágico, Menudo, New Kids



Cristina Fonseca, à esquerda, e suas colegas: dança na hora do almoço

on the Block, Xuxa e até o axé de Luiz Caldas e Sarajane. Na adolescência, eu fiquei mais quietinha, me tornei uma dançarina de quarto: eu, a música, o espelho e a dança”, recorda, pra quem a dança cigana foi a retomada de seu envolvimento com uma das artes mais antigas do mundo. “A dança voltou a fazer parte da minha vida em 2008 como consequência de um trabalho de autoconhecimento e consciência corporal na terapia em grupo. Primeiro como dança somática, que era um

trabalho de respiração e movimento do corpo alinhados à música e depois como uma proposta de vivenciar mais o feminino através das danças cigana, zouk e do ventre”, conta Ana Ceres, que desde então tem se dedicado à dança cigana. “Os movimentos requerem suntuosidade do corpo, e a professora fazia questão de não colocar espelho no salão, pois a dança deveria fluir da alma e jamais por comparação com ela e outras alunas”, explica. ▶



○ flamenco é resultado da fusão das culturas árabe e cigana

### Espírito de luta, esperança, orgulho e festa

A rigor não existe uma diferenciação entre flamenco, dança cigana e dança do ventre, pois o flamenco é o resultado de uma fusão das culturas cigana e árabe, ensina Marcia Knoll. “Fortemente influenciado pela cultura cigana, e com raízes na cultura mourisca e árabe, o flamenco surgiu em uma fusão dessas culturas em um momento histórico difícil para eles. Para aliviarem o seu sofrimento, refletiam na música flamenca o espírito desesperado das lutas, esperança, orgulho e festas daquela época”, explica. Atualmente, pode-se até ter o flamenco somente com a dança e o toque de guitarra, mas a expressão facial, os movimentos das mãos e o sapateado são sempre marcantes.

Também entusiasta do flamenco, Ana Paula Segato, da Supgs em São Paulo, encantou-se com o ritmo e movimento desde criança. “Na adolescência, cheguei a montar uma apresentação na escola, mas que fazia mais referência à dança cigana do que ao flamenco propriamente dito; na época eu não sabia a diferença. Esses artistas me incentivaram a buscar mais sobre esta arte e quando tive oportunidade visitei a região da Andaluzia, na Espanha, e pude ver de perto como o flamenco está distribuído, suas origens e diferenças. Por causa disso, também estudei três anos o idioma espanhol”, relata a dançarina. Sempre que possível, ela pratica o “baile flamenco”, como é chamada a dança flamenca, e assiste a filmes e espetáculos sobre o tema. “O flamenco me



Ana Paula: o flamenco me levou à Andaluzia

proporciona maior consciência corporal, desperta minha consciência musical, por exigir composição do sapateado e das palmas com os demais instrumentos da canção nos vários ‘palos’ (estilos) de ‘cante y baile’, além de aprimorar o idioma e o conhecimento sobre a cultura espanhola”, entusiasma-se ela.

### Dançar é se deixar fluir

Elisângela Aguiar, da Cogti em Belém, aproximou-se da dança do ventre atraída pela curiosidade e encantou-se com o figurino e a diversidade de ritmos e movimentos. “É fascinante para quem a pratica e para quem a contempla. Desde que passei a dançar, tive a oportunidade de vivenciar várias mudanças físicas e compor-

tamentais, tanto em mim quanto em colegas que faziam e ainda fazem aulas comigo”, explica. “A dança do ventre também é considerada uma atividade perfeita para a mulher resgatar o seu eu e a sua feminilidade”.

“É uma dança na qual trabalhamos os movimentos e as partes do corpo de forma desassociada para em seguida associar tudo em um movimento só. Com isso, trabalhamos muito a coordenação motora e a postura, além de aspectos relacionados com a expressão facial e corporal”, destaca Elisângela, explicando também que se trata de uma atividade tanto física quanto emocional, pois os praticantes passam a se conhecer melhor, conhecer o próprio corpo e os limites.

Foi a busca desse conhecimento que motivou Cristina Fonseca, da Supcd de Porto Alegre. “Já fiz outros tipos de dança, mas a dança do ventre me completa porque além de ser uma atividade física, trabalha também minha mente. Consigo explorar e ter consciência do meu corpo. É difícil porque temos que reeducar nossa postura corporal, mas é compensador quando atingimos nosso objetivo”, declara Cristina, que tem aulas semanais junto com outras colegas do Serpro na regional, ministradas pela professora de dança que também ministra a ginástica laboral, Helena Hiensen.

“Assumimos o controle do nosso corpo e isso se reflete diretamente em aspectos comportamentais, como o aumento da autoestima. Dançar a dança do ventre não é só executar passos e seguir uma técnica, mas interpretar a música, a melodia e deixar que pulsem em seu

corpo. É se entregar e deixar a dança fluir”, completa Elisângela Aguiar.

### “Quando danço, fico mais leve”

Para Ana Ceres, a dança cigana é especial pela vitalidade contagiante. “Tem muita cor nas roupas, arranjos de cabelo, enfeites, brincos, colares, pulseiras, lenços, véus, pandeiros, fitas e isso representa alegria. Isso também é o que me incentiva a dançar, é a oportunidade de movimentar, é sempre uma renovação das energias, um lazer, uma alegria. Sinto-me mais leve quando danço, e isso me faz bem”, afirma Ana.

“Dançar sempre nos ensina alguma coisa. Aprendemos pelo lado coletivo de grupo, quando ensaiamos e passamos muito tempo juntos, nos ajudando mutuamente. Ou ainda lições individuais, pois superamos nossos limites e vencemos barreiras impostas por nós mesmas. Ou seja, aprendemos a lidar com sentimentos diversos, como o orgulho, a vaidade, a impaciência e buscamos trabalhar o companheirismo, pois se estamos em grupo, cada uma tem a sua dificuldade e facilidade na dança, mas será o todo que prevalecerá”, declara Elisângela.

Seja por prazer, necessidade de movimentar-se ou puro deleite, a arte da dança transforma as pessoas, sendo unânime nas entrevistadas de que seu impacto positivo no dia a dia é muito profundo. “Dançar é uma ótima maneira de lidar com a agitação do cotidiano. É só eu começar a bater os pés e levantar os braços ao som de Remedios Amaya, Carmen Linares e Paco de Lucía que esqueço dos problemas”, resume Ana Paula. ■



Elisângela encantou-se pela dança do Ventre

## ILHA CONECTADA

*Serpro mantém representação na capital maranhense há mais de 30 anos*

O nome das terras onde se situa a capital maranhense foi legado dos Tupinambás: Upaon Açú, que significa Ilha Grande. Já a fundação da cidade de São Luís se deu por franceses, que homenagearam, em uma só tacada, o Luís de número nove, patrono da França, e o rei Luís XIII, então no comando do país. Depois vieram os holandeses e finalmente os portugueses. Desses últimos, a cidade herdou o maior acervo arquitetônico colonial da América Latina. Por causa desse conjunto de sobrados, datados do século XVIII, São Luís ostenta o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, concedido pela Organização das Nações Unidas para a Cultura, Ciência e Educação (Unesco).

Poder caminhar, e até almoçar no mercado público dessa rica região, é privilégio lembrado pelas colegas do escritório do Serpro localizado em São Luís. Situado na Rua Oswaldo Cruz, também conhecida como Rua Grande, o escritório localiza-se próximo à efervescência cultural do centro histórico e financeiro da cidade. A instalação do Serpro na região se deu a partir da necessidade de uma representação institucional da empresa no Estado.

De acordo com o chefe do escritório, Jeilde Bandeira, a criação da unidade teve início em 1980, a partir do projeto Ciata (Convênio de Incentivo ao Aperfeiçoamento Técnico-Administrativo das Pequenas Municipalidades), do Ministério da Fazenda. “No projeto, o Ministério cuidava da seleção, convênio e



Empregados do Escritório de São Luís, criado em 1980

orientação jurídica dos municípios e o Serpro era o responsável pela parte técnica, que envolvia levantamentos cadastrais de mobiliário e imobiliário, cartográfico, de estrutura do setor fazendário e treinamento das equipes municipais”, explica Jeilde.

Com o aumento das demandas, foi imprescindível que a empresa adequasse sua forma e estrutura de trabalho. Jeilde lembra que, para otimizar o atendimento, foi criado um nó de rede, que concentrava as

conexões dos clientes. Com isso, a 3ª URO, hoje Regional Fortaleza, aproveitou os empregados lotados nos clientes e, a partir de uma área cedida pela Delegacia do Tesouro Nacional, estruturou a equipe de atendimento. Estava criado o Escritório de São Luís. “Hoje, a equipe é composta por 14 empregados, sendo seis lotados no escritório (Opsls) e sete nos clientes, distribuídos pela capital e interior do Estado. Há ainda 17 empregados do quadro externo, prestando serviços diversos”, conta. ▶





Equipe conquistou respeito e admiração dos usuários do serviço da Rede Serpro

Dentre os serviços realizados pela equipe do Escritório de São Luís, estão a administração de rede local, compreendendo a instalação de softwares e aplicativos nos servidores e estações de trabalho. Os principais clientes são a Superintendência de Administração do Ministério da Fazenda no Maranhão, Receita Federal do Brasil, Procuradoria da Fazenda Nacional, Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes, Polícia Federal e Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, além de pessoas físicas e jurídicas que buscam atendimento de certificação digital.

Na opinião de Jeilde Bandeira, o Serpro está totalmente integrado à vida do maranhense. Ele conta que um dos maiores desafios no início das operações

da empresa no Estado foi conseguir adequar e equipar o escritório de modo que ele tivesse condição de representar bem a empresa. “Preparar tecnicamente o quadro de pessoal e atender bem a todas as atividades demandadas foram os grandes desafios dessa trajetória”, lembra.

Por outro lado, Jeilde destaca o respeito e a admiração dos clientes e usuários que utilizam os serviços da Rede Serpro como as maiores conquistas ao longo do tempo. Segundo ele, isso é demonstrado por depoimentos espontâneos dos próprios usuários.

#### “Sair de São Luís, nem pensar”

O analista Emmanoel Ferro, cearense radicado em São Luís desde 2010, considera o ambiente de com-



Ministério da Fazenda abriga o escritório

panheirismo entre os colegas o que há de melhor no escritório. Ele conta que já tem um história antiga com a cidade, já que cursou faculdade na capital maranhense. A simpatia pela cidade, no entanto, não o fez esquecer o amor pela sua terra natal, Fortaleza. “Apesar de gostar muito daqui, penso muito em voltar pra minha cidade”, confessa Emmanoel.

Já o colega José Raimundo Fonseca nem cogita a possibilidade de sair de São Luís. Ele, que é filho da terra, só enxerga benefícios em poder trabalhar na sua própria cidade natal, ainda mais morando próximo ao trabalho. “Ter toda uma estrutura pronta facilita muito. A proximidade com a família, aliada ao excepcional ambiente de trabalho, faz do Serpro um excelente lugar para se trabalhar”, conclui. ■

# CONHECIMENTO SOLIDÁRIO

*Colega de Brasília faz trabalho voluntário levando conhecimentos específicos a comunidades desassistidas*

“Kaleo” é uma palavra grega que significa “chamado”. É também o nome de uma ONG surgida em uma igreja brasileira que decidiu abrir suas portas e contribuir para a sociedade. O serpiano Paulo Ruas, da Supsc da Sede, responde por uma equipe de médicos, dentistas, pedagogos e profissionais de educação física que dão apoio à população de baixa renda de um bairro especialmente carente: a comunidade da Vila do Areal.

A Vila do Areal fica ao lado de Arniqueiras, que é perto de Águas Claras, na região administrativa de Taguatinga, uma cidade-satélite localizada a cerca de 20 quilômetros de Brasília. É lá, longe do centro, que se situa o único albergue para os sem-teto do Distrito Federal, pousada disponível para uma população de despossuídos estimada em mais de duas mil pessoas.

## Valores, esporte e street dance

Um dia, Paulo e alguns membros de sua igreja decidiram viver, de verdade, o chamado cristão de ajuda ao próximo: foi quando surgiu o projeto social Kaleo, há três anos. Hoje, o trabalho da equipe se dá principalmente com crianças. São aulas de esportes, skate, street dance, além de palestras sobre sexualidade e drogas. Há, também, um programa de apoio escolar que prevê visitas às crianças de casa em casa. “Tentamos fazer o projeto de forma desvinculada das questões da igreja. Achamos mais importante ajudar o ser humano do que forçar uma conversão”, explica Paulo Ruas. “Até porque passamos valores como respeito ao próximo e honestidade, que existem independente de uma religião”, pondera. O Kaleo anuncia o trabalho voluntário por faixas espalhadas pela vila.

Mas o Kaleo também se aventura para além das fronteiras do Distrito Federal. Um dos lugares mais distantes atendidos pelo grupo é em Santa Luz, município localizado no interior do Piauí. Depois de uma conversa com o prefeito, o time conseguiu permissão para dormir em uma escola. Lá, o Kaleo ofereceu cursos de conserva e horta caseira, que são conhecimentos importantes para pessoas que vivem da agricultura de subsistência em uma região assolada pela seca. Como



Paulo também leva atividades esportivas para as crianças da Vila do Areal

faltava estrutura básica, a trupe também instalou mais de mil torneiras de plástico nas talhas de água da cidade. “Ensinei informática com joguinhos, que é para tirar o medo que as pessoas tinham do computador. Fizemos um certificado que foi entregue, com festa, na Câmara dos Vereadores, as mães chorando... um barato!”, relembra Ruas.

Em outra ocasião, o grupo resolveu fazer doações de roupas. Para não ferir o orgulho da comunidade, inventaram uma feirinha, com dinheiro de mentira, que foi distribuído à população. “Assim, ninguém se sentiu diminuído e, ainda por cima, a brincadeira funcionou como aula de educação financeira”, conta o serpiano. ■

